

EM TODO O TERRITÓRIO NACIONAL

# DOIS MILHÕES DE PESSOAS SEM CUIDADOS SANITÁRIOS

— resultado da guerra não declarada da África do Sul com a utilização de bandidos armados

A guerra não declarada da África do Sul contra Moçambique destruiu mais de 30 por cento da rede sanitária primária do País, privando mais de dois milhões de pessoas de cuidados sanitários, revela o último estudo do Ministério da Saúde do nosso País. «A deslocação de milhões de pessoas e a destruição deliberada de infra-estruturas sanitárias causou sofrimento

incomensurável e a perda de centenas de milhar de vidas, maioritariamente crianças, a camada mais vulnerável da população», escrevem os doutores Abdul Razak Noormohamed e Julie Cliff, na segunda edição da publicação do Ministério da Saúde, intitulada «O Impacto da Desestabilização Sul-Africana sobre a Saúde em Moçambique».

O documento detalha a pilhagem e destruição dos serviços de Saúde pelos bandidos armados apoiados pela África do Sul, com dados estatísticos até finais de 1986. Os dados para 1987 ainda não foram completados. Até finais de 1986, os bandidos haviam destruído 213 centros de Saúde.

Pelo menos 21 trabalhadores da Saúde haviam sido assassinados e outros 44 raptados pelos bandidos armados até finais de 1986. Outros 431 trabalhadores perderam todos os seus bens em actos dos bandidos. As viaturas dos serviços de Saúde tornaram-se alvos preferidos do fogo

200 por 1000 e uma taxa de mortalidade de entre 325 a 375 por 1000 no grupo etário abaixo dos cinco anos. Segundo dados fornecidos pelo UNICEF (Fundo das Nações Unidas para a Infância), a guerra e a desestabilização causaram a morte de cerca de 84 000 crianças só em 1986 e

— Grandes números de feridos afluem após um ataque contra um autocarro ou uma aldeia, obrigando a mobilização de todo o pessoal. Os feridos graves levam muito tempo a recuperar, ocupando assim as camas dos hospitais — lê-se no estudo. Devido às minas colocadas pelos bandoleiros, o número de pessoas, necessitando de próteses aumentou drasticamente. O documento afirma que o número de pessoas a quem foram colocadas próteses subiu de 53 em 1981 para 319 em 1986.

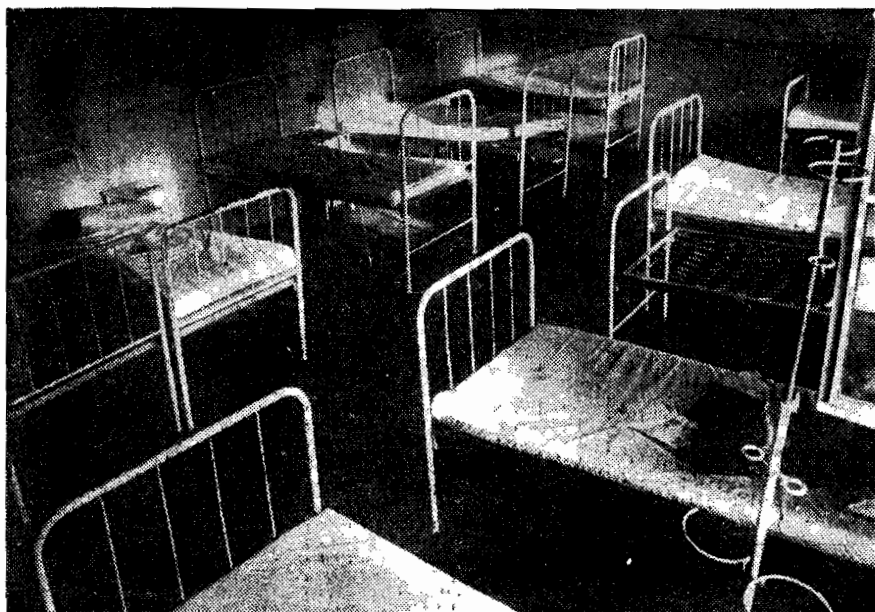
Uma vez que o número de pessoas necessitando de próteses era superior à capacidade dos serviços em Maputo, em 1987 foram abertos centros nas cidades da Beira e de Quelimane. Nos primeiros seis meses de 1987, os três centros atenderam 247 pessoas.

Contudo, o Serviço de Saúde continua a resistir às tentativas sul-africanas para destruí-los. Os doutores Noormohamed e Cliff afirmam que a maior parte dos trabalhadores da Saúde mantém-se ainda nos seus postos e continua a fazer desloca-

ções perigosas e difíceis para arranjar medicamentos e para vacinar pessoas.

Novas estratégias são adoptadas para se adequarem a mudança de circunstâncias — embora a vacinação em algumas zonas de guerra tenha sido posta de parte, o Ministério da Saúde intensificou as campanhas de vacinação nas capitais provinciais e nas zonas rurais seguras.

A reconstrução prossegue face à destruição. Assim, em 1986 foram reabertos 27 centros sanitários periféricos que haviam sido obrigados a encerrar devido à actividade dos bandidos armados, e o Ministério construiu 54 novos centros de Saúde. — (AIM)



Os hospitais e postos de saúde são alvo da sanha assassina e destruidora dos bandidos armados. Na imagem, o aspecto de uma das enfermarias do hospital de Homoine, após o massacre ocorrido no ano passado, em que os bandidos armados chegaram a assassinar pessoas que se encontravam no leito hospitalar

de, e outros 382 haviam sido pilhados ou forçados a encerrar. Isto representava 31 por cento da rede sanitária primária no País. Quatro hospitais rurais foram forçados a encerrar.

Nos anos anteriores, o Ministério da Saúde conseguiu reabrir ou criar mais novos centros sanitários do que os que eram destruídos, de modo que até 1985 os serviços de Saúde continuavam a expandir-se, apesar de ser a um ritmo lento.

Contudo, em 1986, pela primeira vez, o número de unidades sanitárias periféricas em funcionamento baixou de 1 416 para 1 326. Sem a guerra de desestabilização da África do Sul, o número de postos e centros de Saúde operacionais em finais de 1986 seria de pelo menos 1 921.

## ALVOS DOS TERRORISTAS

Em 1987 a actividade dos bandidos contra centros sanitários tornou-se ainda mais destrutiva, uma vez que eles utilizaram explosivos e morteiros para reduzir os postos sanitários a ruínas.

Na província de Nampula, na segunda metade de 1987, cinco centros sanitários e um hospital rural foram completamente destruídos por esses meios.

Como resultado directo da guerra, afirma o estudo, mais de dois milhões de moçambicanos estão agora privados de cuidados sanitários. Mesmo nos casos em que os postos sanitários permaneceram abertos — prossegue o estudo — o acesso diminuiu porque as longas distâncias aos postos sanitários tornaram-se perigosas.

dos bandidos. Mais de 35 ambulâncias (todas providas da Cruz Vermelha à vista) foram destruídas. O estudo revela que a província da Zambézia, a mais populosa do País, tinha ambulâncias em 16 dos seus 17 distritos em 1983. Até meados de 1986, os bandidos haviam destruído quase todas, restando apenas cinco.

O documento sublinha que os ataques contra veículos sanitários constituem uma violação flagrante da Convenção de Genebra, Artigo 11, que estipula que «equipas e transportes médicos devem ser respeitados e protegidos em todas as circunstâncias, e não deverão ser objecto de ataque».

## EFEITOS NAS CRIANÇAS

O ataque contra a rede de cuidados sanitários primários teve efeitos catastróficos sobre as crianças moçambicanas, originando o incremento da taxa de mortalidade infantil para

um total de 320 000 entre 1981 e 1986.

Contudo, em algumas zonas, as taxas de mortalidade são ainda mais altas. Dois estudos realizados no seio de população deslocada pela guerra na província de Tete, em 1987, mostraram que a taxa de mortalidade em crianças abaixo dos cinco anos, era 448 a 552 por 1000. Isso significa que metade das crianças morre antes do quinto aniversário.

## CIVIS COMO VÍTIMAS

O documento afirma que a maior parte dos mortos e dos feridos da guerra são civis, muitos dos quais assassinados em massacres.

— Só na província do Maputo, centenas de pessoas foram mortas em ataques contra machimbombos ou comboios — acrescenta o estudo.

O grande número de feridos provoca problemas nos serviços hospitalares.